

Peregrinação Internacional

Eucaristia na Basílica de São Pedro

26 de outubro de 2014

H o m í l i a

Queridos irmãos e irmãs na aliança de amor,

Escutámos as palavras com que Jesus Cristo nos esperava na basílica do Papa, seu Vigário como Pastor da Igreja Universal. Chamou-nos a viver e a anunciar a aliança de amor com a sua Mãe, peregrinando pelo caminho que Ele abriu através do seu filho sacerdote, Padre Kentenich. Esperava-nos para nos enviar, recordando-nos o mandamento mais importante, que está no coração da Aliança: o mandamento do amor.

Deus nunca nos teria pedido que o amássemos com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças, se não tivesse preenchido a nossa alma com a experiência do seu inesgotável amor, da sua infinita misericórdia. São João indicou-o de maneira indubitável: “amamos a Deus, porque Ele nos amou primeiro”. É verdade que o nosso Santo Padre, o Papa Francisco, não se cansa de repetir-nos, emocionado pela experiência mais importante da sua vida e da nossa. Deus sempre nos “primerea”, ama-nos primeiro, sem se cansar de nos perdoar e de inflamar os nossos corações para que o amemos a Ele e amemos todos os seus filhos.

Chegamos a esta grandiosa basílica, que também é a nossa casa, depois de termos vivido dias inesquecíveis. Celebrámos simultaneamente cem anos do Santuário Original, cem anos de Aliança com a Mãe três vezes Admirável de Schoenstatt, cem anos da nossa Família, cem anos da espiritualidade que nos une e que alimenta o nosso encontro com Cristo, com o Pai dos céus, com o Espírito Santo e entre nós, como também a nossa fidelidade à Família de Deus e a nossa vocação missionária. Celebrámos cem anos do passo audaz do servo de Deus, Pe. José Kentenich, que o converteu em nosso pai e fundador.

Não poderemos esquecer as celebrações litúrgicas que vivemos nestes dias festivos, nem as introduções a elas, tão significativas, nem as homílias que motivaram a nossa participação fecunda nas Eucaristias. Também recordamos a grande peregrinação dos jovens, trazendo com rapidez o fogo do santuário de Pompeia, recordando a relação que a Providência quis estabelecer entre a ação curadora e renovadora da Virgem Santíssima nesse santuário de Itália e nos santuários de Schoenstatt no mundo inteiro.

Surpreendeu-nos a grande fecundidade da torrente de graças que brotou neles durante estes cem anos de vida e de missão. Como nos inspirou para avançar pelos caminhos do Evangelho! Também tinha feito brotar inumeráveis iniciativas e projetos. Com muita admiração conhecemo-los nos passados dias. Desde a aliança, que impulsiona a gerar uma cultura, eles floresceram tanto na pastoral familiar e juvenil, como nos projetos e realizações pedagógicas, em numerosas iniciativas sociais, económicas e artísticas, e noutros valiosos contributos do carisma para bem de toda a Igreja, entre eles, a grande campanha da Mãe Peregrina.

Graças a Deus não nos esquecemos de pedir perdão por tantos erros e mediocridades nestes cem anos; por ingratidões e indiferenças, por pecados contra a fé e a esperança, contra a nossa vocação para a oração, ao serviço, à magnanimidade e a transformar a cultura mediante o Evangelho. Pedimos também perdão pelas dolorosas feridas que inferimos à comunhão e à colaboração entre nós.

Mas na nossa celebração prevaleceu sobretudo a gratidão e a alegria. Por exemplo, ao constatar que a juventude do movimento não só tem espírito criativo, mas que é portadora do fogo santo, com o amor à Mater e ao Fundador, e com o entusiasmo e o espírito missionário dos primeiros. Foi tão profunda a vivência da fraternidade própria de uma verdadeira família, que o tempo vivido foi qualificado como horas de paraíso, antecipando a alegria e a paz do céu.

E como poderíamos deixar de agradecer a Deus e de responder ao seu amor tão sábio como poderoso, sabendo que a fundação da família não foi uma invenção genial de um ser humano? Foi o Senhor da Vida e da História que tomou a iniciativa e entregou ao jovem padre pallottino, José Kentenich, alguns sinais do

seu projeto de amor, no claro-escuro da fé, para indicar-lhe a sua vontade sábia. Deus queria converter a capelinha num lugar de graças, numa escola de santos, num novo Tabor onde se manifestasse a grandeza de Maria. Queria que se multiplicassem os milagres de graça num santuário que foi berço de uma nova espiritualidade, de um grande amor à Igreja e de muito espírito missionário. É a gratidão que trazemos a esta celebração litúrgica, sabendo que em cada Eucaristia celebramos a origem do nosso agradecimento: a nova e eterna aliança que Jesus Cristo selou com o seu sangue, abrindo-nos o caminho à ressurreição.

A nossa Eucaristia tem lugar nesta basílica, que leva o nome do primeiro entre os apóstolos, de São Pedro. Sob o altar maior repousam as suas relíquias. Foi chamado a ser Pedra da Igreja nascente, e apesar da sua fragilidade, Jesus pediu-lhe que apascentasse as suas ovelhas. Aqui foi martirizado, dando testemunho do seu amor fiel e do seu ímpeto missionário. No seu coração vivia o lema do nosso centenário: tua aliança, nossa missão. A nova aliança que Jesus tinha selado no Calvário, foi a sua missão e é a nossa. Mais, continua a ser a sua missão, também esta manhã quando nos acolhe em sua casa, nos acompanha e intercede por nós.

A Basílica de São Pedro, o seu santuário em Roma, é também a casa dos seus sucessores. Como não recordar aqui São João XXIII, que acolheu a inspiração do Espírito de convocar um concílio? A partir daqui o Concílio Vaticano II olhou o mundo com simpatia, valorizando nele a criação e os dons de Deus. Daqui proclamou que a Igreja é um mistério de comunhão missionária, o Povo de Deus no qual todos os seus membros estão chamados à santidade e ao apostolado, e do qual a Virgem Maria é a sua imagem. Necessitávamos deste clima de comunhão, e de procurar uma maneira próxima para evangelizar nos tempos modernos. O espírito e as conclusões do Concílio abriram as portas a grandes teólogos e fundadores; também ao nosso.

Acolhe-nos desde o céu o beato Paulo VI, que quis que o nosso pai continuasse o seu trabalho fundador. Certamente recorda a promessa que o pai fundador lhe fez por amor à Igreja em 22 de dezembro de 1965: A nossa família ajudá-lo-ia a realizar as conclusões do Concílio. Estamos aqui para renovar essa promessa.

Também nos acolhe o santo Papa João Paulo II. Em mais do que uma ocasião referiu-se à nossa família, à aliança de amor, ao santuário e ao pai fundador. Ele

convidou-nos a viver o espírito das origens com fidelidade criadora, atentos aos sinais dos tempos, e recordou-nos que a vinculação interior e espiritual com a pessoa do fundador e a fidelidade à sua missão são fonte de vida vigorosa para a mesma fundação e para todo o Povo de Deus.

Nesta grande basílica, não podemos esquecer o querido Santo Padre emérito, Bento XVI. Seguramente ele espera de nós que ofereçamos a Deus, nesta hora santa, decisões que determinem, em comunhão com outros carismas, o curso da história.

Com preocupação destacou que a cultura ocidental abriu-se a correntes secularistas que querem afastar Deus da cultura e da vida pública, negando as raízes desta cultura que provém do Evangelho, e fazendo da fé cristã uma realidade meramente subjetiva, sem relação nem com a verdade nem com a moral; menos ainda com a legislação.

Na nova etapa da Família que iniciamos, com ilimitada gratidão assumimos novamente aqui, no coração da Igreja, a tarefa de colaborar na Nova Evangelização, e assim na salvação da missão salvífica do Ocidente, e de cada cultura que acolhe o batismo com a decisão de viver como Maria, discípula e missionária de Jesus Cristo, para que os povos tenham vida em Cristo.

Com efeito, agradecemos a Deus a graça de ter uma viva consciência da relação entre o amor a Deus e o amor ao próximo – e assim da importância dos vínculos naturais e sobrenaturais. Isto ajuda-nos a cultivar uma visão crente das coisas e das pessoas, descobrindo com a maior transparência a sua relação existencial e profunda com a Causa primeira. Nunca queremos esquecer que cada pessoa foi criada à imagem e semelhança de Deus, e que em cada mulher podemos encontrar a coroa e o cetro de Maria. A fé prática na Divina Providência une-nos dia-a-dia com Deus, Pai e Senhor da História.

Na verdade, a decisão de não afastar Deus da vida anima a pessoa e a missão da Virgem Santíssima, tão natural como santa, tão próxima da dor como da alegria e da gratidão, tão contemplativa das maravilhas de Deus, e tão capaz de aplaudir as suas iniciativas, derrubou dos seus tronos os poderosos e exaltou os humildes, na sua casa como esposa do carpinteiro, e tão habituada a viver na casa da história sagrada do seu povo e da misericórdia de Deus, tão próxima de nós nos seus santuários.

O Santo Padre Francisco, que nos envia, leva no seu coração as conclusões da Conferência geral do episcopado da América Latina e do El Caribe, celebrada junto ao santuário mariano de Aparecida, e considera-as um dom para toda a Igreja. Ela convida-nos a peregrinar aos lugares de encontro com Jesus Cristo, e entre eles salienta a importância de ir a esse lugar vivo de encontro com Ele que é sua Mãe, Maria, que também na atualidade continua a ser colaboradora e companheira de Jesus Cristo na obra da redenção. Além disso, convida todos os cristãos a serem missionários, partilhando a enriquecedora experiência de se terem encontrado com Cristo. Convida-nos a partilhá-la “por transbordar de gratidão e alegria”.

Impressiona constatar a condução do Espírito Santo nesta etapa da história. Impulsionou os Bispos reunidos em Aparecida a iniciar uma nova época da vida da Igreja, tirando a América Latina da sua letargia missionária, para a transformar numa Igreja “em estado de missão”. Pouco depois inspirou o Conclave para que elegeisse o Sumo Pontífice o Papa Francisco, que nos escreveu, na sua primeira exortação apostólica, que quer convidar toda a Igreja ‘a uma nova etapa evangelizadora’ a uma nova etapa marcada pela alegria do Evangelho, e por participar no dinamismo de uma ‘Igreja em saída missionária’. Também nós, ao celebrar o primeiro centenário da fundação, reconhecemos a ação do Espírito de Jesus Cristo que nos convida a entrar “numa nova etapa do nosso Movimento’, com a cruz da missão no nosso interior e nas nossas iniciativas. Ela impulsiona-nos a fundar novamente a Família com fidelidade criadora, tomando plena consciência do nosso compromisso missionário, e de ser um carisma unido a todos os carismas apostólicos que o Espírito Santo oferece à Família de Deus, e em colaboração com todos eles, conforme o espírito e a missão de São Vicente Pallotti.

A nossa ilimitada gratidão é a alma do nosso compromisso, do caminho para a santidade missionária. Porque Deus nos amou primeiro, e porque o que mais queremos é acolher o seu amor, amamo-Lo com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças, e amamos tudo o que é seu, prolongando o amor de Cristo e de Maria a toda a criação, mas sobretudo aos seus filhos.

Na nova etapa da história que iniciamos, queremos comprometer-nos. Assumimos as preocupações do recente Sínodo. Comprometemo-nos especialmente com aqueles que vivem com alegria a sua aliança conjugal, e com

os que a vivem com grande dificuldade, por estarem mais isolados, sem raízes nem numa família nem em Deus, nem num trabalho nem numa casa, tão pouco em grandes valores. Animados pelas palavras do Santo Padre, queremos preparar e acompanhar alianças matrimoniais. Estamos dispostos a colaborar, cultivando o dom dos santuários-lar, para que todas as famílias sejam igrejas domésticas. Queremos ajudar aqueles que tiveram a dolorosa experiência da rutura matrimonial, a encontrarem nos nossos santuários e em toda a Igreja uma família que os acolhe e acompanha. Assim queremos trabalhar mais na construção de uma nova ordem social, promovendo a pastoral juvenil e os projetos sociais que se inspiram na misericórdia de Maria, a serva de Caná de Galileia e a companheira fiel junto à cruz.

Ontem tivemos o tão esperado encontro com o nosso Santo Padre, o Papa Francisco. Hoje celebramos esta Eucaristia na sua Basílica. Na audiência que nos concedeu manifestou-nos a grande esperança que tem na entrega de todos nós, como membros de um movimento de renovação que irradia a alegria do Evangelho, e que aceita o convite de Jesus Cristo de sair para todas as periferias para que os povos e todas as pessoas sejam seus discípulos.

Na sua recente exortação apostólica dizia-nos: “Convido cada cristão, em qualquer lugar e situação em que se encontre, a renovar agora mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de deixar-se encontrar por Ele, de tentar cada dia sem descanso. (...) Este é o momento para dizer a Jesus Cristo: “Senhor, deixei-me enganar, de mil maneiras escapei do teu amor, mas aqui estou outra vez para renovar a minha aliança contigo.”.É certo, aqui estamos para renovar a aliança.

A aliança com Jesus e com Maria não só nos une e transforma; também nos envia. Imploramos sempre no santuário a graça de vivê-la como aliança apostólica. Desde o começo nos chamámos “Movimento Apostólico de Schoenstatt”. Todos os ramos da Família querem viver a sua vocação com consciência missionária. Mais, para pertencer à União ou Federação apostólica ou a um Instituto há que assumir a responsabilidade de trabalhar apostolicamente em todos os âmbitos ao nosso alcance. Realmente a nossa missão pede-nos que sejamos uma Família enraizada no santuário, mas ao mesmo tempo uma Família missionária, uma Família em saída com toda a Igreja.

Os nossos anseios, súplicas e propósitos vão ser entregues com o pão que vai ser consagrado sobre a patena. Queremos partilhar, com espírito missionário, a nossa experiência vivificante e gozosa de aliança com Deus, com a Virgem e com Pedro, para que na Igreja desperte uma primavera missionária, e juntos configuremos uma cultura nova, fruto da aliança.

Que neste segundo centenário de vida da Família, Deus nos conceda a graça de uma grande fidelidade à aliança de amor com a nossa Mãe e Rainha, formando inúmeros santos missionários para sua glória e bem de toda a Igreja. Amén.

Original: espanhol – Tradução: Maria de Lurdes Dias, Lisboa, Portugal